

O APARENTE CONFLITO EUEDEMONOLÓGICO PRESENTE NA ÉTICA SCHOPENHAUERIANA

GUSTAVO AUGUSTO DA S. FERREIRA - Mestrando pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). professorgustavoferreira@hotmail.com.br

Resumo: O presente escrito tem como objeto central a breve análise do conflito das interpretações brasileiras acerca do estatuto teórico da obra Aforismos para a sabedoria de vida e a sugestão crítica de uma nova perspectiva de interpretação do mesmo. A discussão acerca do estatuto teórico dos Aforismos não pode, contudo, prescindir da tematização acerca da difícil articulação desta última com a metafísica dos costumes, presente em O mundo como vontade e como representação. Os Aforismos propõem uma eudemonologia, escritos para uma vida feliz ou menos infeliz. A problemática inerente à questão do presente trabalho é a investigação da relação entre esta suposta eudemonologia e toda a metafísica presente em O mundo (principalmente no livro IV) e em alguns outros escritos, já que, ao que parece, existe um conflito entre tais textos: como pode haver uma eudemonologia em Schopenhauer se a existência é necessariamente sofrimento, segundo o próprio autor?

Palavras-chave: *Análise; Aforismos; Schopenhauer; Sofrimento.*

Abstract: Este escrito tiene como objeto central del análisis breve conflicto de interpretaciones brasileñas de la situación teórica de los Aforismos de trabajo por la sabiduría de la vida y de la crítica que sugiere una nueva perspectiva de la interpretación. La discusión sobre el estatus teórico de aforismos no puede, sin embargo, renunciar a la tematización de la difícil articulación de ésta con la metafísica de la moral, presente en El mundo como voluntad y representación. Los Aforismos proponen una eudemonología, escrito por una vida menos feliz o infeliz. Los problemas inherentes a la emisión de este trabajo es investigar la relación entre esta supuesta eudemonología y todos los presentes en el mundo (especialmente en el Libro IV) y algunos otros escritos metafísicos, ya que parece que hay un conflicto entre esos textos : ¿cómo puede haber una eudemonología Schopenhauer Si la existencia es necesariamente sufren, según el autor?

Keywords: *Análisis; Aforismos; Schopenhauer; Sufrimiento.*

Introdução

Os *Aforismos para a sabedoria de vida**, que faz parte de um considerável escrito de Schopenhauer, intitulado *Parerga e Paralipomena* (kleinen Schriften/ Escritos menores), de 1851, propõem uma *eudemonologia*, escritos para uma vida feliz ou menos infeliz. A problemática inerente à questão do presente trabalho é a investigação da relação entre esta suposta eudemonologia e toda a metafísica presente em *O mundo como vontade e como representação*** (principalmente no livro IV) e em alguns outros escritos, já que, ao que parece, existe um conflito entre tais textos: como pode haver uma eudemonologia em Schopenhauer se a existência é necessariamente sofrimento, segundo o próprio autor? Esta questão remete diretamente à pergunta pelo estatuto teórico destes *Aforismos*. Julgamos que a questão aqui proposta não foi ainda definitivamente bem compreendida e finalizada em sua análise pelos especialistas brasileiros. Portanto, pretendemos não somente explicitar o debate no país referente ao problema, como também sugerir a possibilidade da formulação de uma nova perspectiva.

A questão acerca do estatuto teórico dos *Aforismos* e a sua relação com o conjunto da obra schopenhauriana é colocada pela primeira vez em 1998, na tese doutoral de José Thomas Brum¹. Em seguida, em 2002, em um pequeno texto de Jair Barboza². Barboza afirma que “(...) podemos definir o pensamento de Schopenhauer como pendular, vale dizer, ele oscila continuamente entre o pessimismo metafísico teórico e o otimismo prático.”³ Ou, ainda de acordo com Barboza, “Apesar do sofrimento como marca registrada da existência, é possível um otimismo de natureza prática, sobretudo se formos guiados pela *sabedoria de vida*.”⁴ Com isso, Jair Barboza parece pretender conciliar a perspectiva ética (pessimista) com a perspectiva eudemonológica (otimista). Assim, tanto a metafísica dos costumes quanto a eudemonologia seriam compreendidas no território da ética: a primeira, de um ponto de vista metafísico (pessimismo) e a segunda, de um ponto de vista empírico (otimismo).

**Aforismos para a sabedoria de vida*: a partir daqui, *Aforismos*.

** *O mundo como vontade e como representação*: a partir daqui, *O mundo*.

Temos ainda, em contrapartida, no ano de 2005, o posicionamento de Leandro Chevitarese.⁵ É com Chevitarese que propriamente inicia-se o debate. Para nós e para Ruy de Carvalho e Gustavo Costa:

Chevitarese tem, talvez não reconhecidamente, um relevante mérito: perguntar pelas condições da acomodação entre a metafísica dos costumes (da vontade) schopenhaueriana e os *Aforismos para a sabedoria de vida*. Em sua tese doutoral intitulada: *A ética em Schopenhauer: que “liberdade nos resta” para a prática de vida?*, Chevitarese pergunta se e como a Ética de Schopenhauer articula-se com sua *eudemonologia empírica*; e defende que esta última seria mais bem compreendida como uma *moral do como se e*, assim, compreendendo a noção de *sabedoria de vida* como uma espécie, a la Thomaz Brum⁶, de *sabedoria teatral*.⁷

Seria a proposta de Schopenhauer nos recomendar enfrentar de maneira positiva o inevitável, uma afirmação da vida frente o autoaniquilamento de nós mesmos que é o determinismo e o destino implacável? Podemos afirmar, como Leandro Chevitarese, que os *Aforismos* são uma “pedagogia da felicidade possível”?⁸ Para Chevitarese, há nos *Aforismos* uma espécie de “liberdade”. Segundo ele, Schopenhauer mostra-nos ali a “liberdade de ser o que se é”, ou seja, há ali uma ética. Porém, apesar das ilustres interpretações acerca da relação entre os *Aforismos* e as demais obras de Schopenhauer, ou seja, seu pensamento pessimista, não foi aqui avaliado suficientemente o estatuto teórico destes *Aforismos*.

1. BRUM, T. *O pessimismo e suas vontades*, p.50-1.

2. BARBOZA, Jair. *Em favor de uma boa qualidade de vida*. Prefácio à 1ª Ed. De *Aforismos para a sabedoria de vida*. Editora Martins Fontes. São Paulo-SP, 2002. P. 13.

3. Ibidem. P. 13.

4. Ibidem. P. 13.

5. CHEVITARESE, Leandro. *A ética em Schopenhauer: que “liberdade nos resta” para a prática de vida*. PUC: Rio de Janeiro, 2005.

6. Cf. BRUM, T. *O pessimismo e suas vontades*, p.50-1.

7. RODRIGUES Jr, Ruy de Carvalho. COSTA, Gustavo B.. *Nietzshce-Schopenhaur, ecología cinza, natureza agônica; Cai a cortina, misturam-se os papéis: desencontros e reencontros entre Schopenhauer e Nietzsche*. Organizadores: Ruy Carvalho, Gustavo Costa e Thiago Mota. Editora EDUECE, Fortaleza, 2013. P. 357.

8. Essa ‘pedagogia da felicidade possível’ parece ser o principal tema abordado nos seguintes textos do professor

Capítulo I: a questão entre os intelectuais brasileiros e a sua repercussão

Ruy de Carvalho e Gustavo Costa constataam em seu artigo *Cai a cortina, misturam-se os papéis: desencontros e reencontros entre Schopenhauer e Nietzsche*, o que estamos a expor e acreditamos ser uma constatação bastante lúcida, a saber:

A esse respeito, ao que parece, existem no Brasil pelo menos duas posições (e uma terceira que veremos logo a frente): uma que, compreendendo os *Aforismos* a partir de um deslocamento de perspectiva em relação a *O mundo*, acomoda os pontos de vista ético e empírico e, assim, se nos resta uma liberdade, ela se exerce em uma espécie de *teatro da vontade* em que, de certa forma e dentro de certos limites, *somos inteiramente livres para ser o que somos*, mesmo que permaneça em aberto a pergunta pela forma, individualmente, *mais adequada de ser si mesmo*. Assim, haveria certa tensão, talvez insolúvel, entre o *pessimismo ético* schopenhaueriano e a *moral do como se* que, em última análise propõe uma abertura, uma possibilidade de jogo em que as cartas e os jogadores são dados, mas a habilidade destes pode influenciar no andamento do jogo, mesmo que este sempre termine. A segunda posição compreende que o ponto de vista empírico deve, em última análise, ser submetido ao metafísico e, assim, ou a acomodação entre os planos é impossível – fatalismo (*O mundo*) e liberdade (*Aforismos*) – ou manifestam apenas uma contradição ou paradoxo a mais na filosofia de Schopenhauer.⁹

Dr. Leandro Chevitarese: *A Eudemonologia empírica de Schopenhauer: a “liberdade que nos resta para a prática de vida” e A ética em Schopenhauer: que “liberdade nos resta” para a prática de vida?*.

9. RODRIGUES Jr, Ruy de Carvalho. COSTA, Gustavo B.. *Nietzsche-Schopenhauer, ecología cinza, natureza agônica; Cai a cortina, misturam-se os papéis: desencontros e reencontros entre Schopenhauer e Nietzsche*. Organizadores: Ruy Carvalho, Gustavo Costa e Thiago Mota. Editora EDUECE, Fortaleza, 2013. Pp. 357-358.

Surge aqui a incógnita que determina nosso problema: como é possível haver uma liberdade ou possível felicidade frente à tragédia da existência, frente ao determinismo que é o existir e a ausência de liberdade, já que somos tão somente uma expressão da Vontade, segundo Schopenhauer? Aliás, qualquer recomendação, aconselhamento ou máxima que nos guie ou nos aponte o que fazer e como viver já se torna, em si, no mínimo problemática, pois, não se pode, segundo Schopenhauer, não ser o que se é, ou melhor dizendo, não se pode não querer o que se quer, e, por sua vez, não se pode não fazer o que se faz, visto que o que se faz é o que necessariamente se quer, e o que se quer é o que se é. Pode-se notar que quase todos os pesquisadores e especialistas em filosofia schopenhauriana no país (Leandro Chevitarese (UFRRJ), Jalee O. Salviano (UFRB)¹⁰, Jair Barboza (UFSC), José Thomaz Brum (PUC – RJ)¹¹ e

Flamarion Ramos (USP)¹²) parecem ser adeptos da defesa da existência de uma liberdade em Schopenhauer (*Aforismos*), quer dizer, para eles, os *Aforismos* são “uma parte” da ética. Por mais que isso pareça altamente problemático, quando se observa o conjunto da obra, o posicionamento destes pesquisadores parece partir da confirmação de que existe uma *liberdade* (*Aforismo*) em Schopenhauer, uma outra perspectiva *ética*, distinta daquela apresentada no livro IV de *O mundo*.

Ainda seguindo a concepção de Ruy de Carvalho e Gustavo Costa, acreditamos que:

(...) tais posições compartilham um pressuposto importante: os pontos de vista metafísico e empírico são isso mesmo, perspectivas de uma mesma coisa, a ética. Isto é mais visível, claro, quando se discute a significação da noção de liberdade. Aqui, o problema quase sempre aparece como articular as significações, os pontos de vista; como transitar de um a outro, como fazer com que a sabedoria prática acomode-se, sem deixar resto, à metafísica: ao pensamento único! Nada mais natural, uma vez que o próprio Schopenhauer

10. Salviano, J. O. S. *Cadernos de Ética e Filosofia Política; Desconfortável consolo: a tese niilista de Arthur Schopenhauer*. 6, 1/2005, pp. 83-109.

11. BRUM, José Thomaz. *O pessimismo e suas vontades: Schopenhauer e Nietzsche*. Rocco: Rio de Janeiro, 1998.

12. RAMOS, Flamarion C.. *A “MIRAGEM” DO ABSOLUTO Sobre a contraposição de Schopenhauer a Hegel: Crítica, Especulação e Filosofia da Religião*. São Paulo, 2008.

que, explicitamente, fala de acomodação (*Akkommodation*), ponto de vista superior ético-metafísico (*höreren metapriphysich-ethischen Standpunkte*), ponto de vista comum e empírico (*gewöhnlichen empirischen Standpunkte*), etc.¹³

Aparentemente, surge um terceiro posicionamento acerca desta questão, um posicionamento que não parte do pressuposto da ética (liberdade). Ruy de Carvalho, em um breve artigo escrito em parceria com Gustavo B. Costa, contraria os posicionamentos citados acima, ele afirma que:

(...) os *Aforismos*, talvez contra Schopenhauer, são mais bem compreendidos sem a referência à ética; que seu estatuto não é propriamente teórico-prático, mas *performático*. A pergunta que talvez se deva fazer é: quem fala nos *Aforismos*? Quem tem a palavra neles? Mais do que acomodação, que de resto é, reconhecidamente, impossível para Schopenhauer, uma vez que os *Aforismos* conservam o erro de seu nascimento, mais do que acomodação ao *corpus* da obra, como dissemos, a questão é de estilo, de linguagem, talvez, de retórica. A noção central para compreender a obra, parece-nos, não é a *liberdade*, mas a *simulação* (p.217). Aqui, o problema é o do *tornar-se o que se é*. (...) no caso de Schopenhauer, sim, falar de uma aproximação entre o que nos tornamos e aquilo que somos, talvez somente faça sentido por meio de uma espécie de auto-apresentação mimética, em que o filósofo, de alguma forma, deve confessar-se. (...) talvez os *Aforismos* sejam uma estranha confissão. Se a sabedoria prática não pode ser prescritiva, se ela não constitui uma moral das

13. RODRIGUES Jr, Ruy de Carvalho. COSTA, Gustavo B.. *Nietzsche-Schopenhauer, ecologia cinza, natureza agônica; Cai a cortina, misturam-se os papéis: desencontros e reencontros entre Schopenhauer e Nietzsche*. Organizadores: Ruy Carvalho, Gustavo Costa e Thiago Mota. Editora EDUECE, Fortaleza, 2013. Pp. 358.

virtudes, se o pessimismo e o determinismo, rigorosamente, detêm a última e verdadeira palavra para Schopenhauer, então qual o sentido de uma eudemonologia? Se a vida humana não pode corresponder a uma existência feliz, conforme dito explicitamente pelo autor (p.1), então: ou os *Aforismos* são uma obra sádica; ou teoricamente absurda e paradoxal; ou ela deve ser compreendida em um outro registro que não o teórico-prático.¹⁴

O posicionamento de Ruy de Carvalho mostra-se como ilustre, porém, sua análise é curta (devido o formato da apresentação: uma breve passagem presente em um breve artigo), aparentemente insuficiente, frente ao problema que aqui se abre (apesar de o mesmo ser um dos primeiros a contrariar a possibilidade dos *Aforismos* serem concebidos através de uma perspectiva ética, onde, aqui, deve-se a ele o mérito da abertura de uma terceira perspectiva)¹⁵. Atribuir aos *Aforismos* qualquer tipo de “liberdade” inerente à filosofia schopenhauriana (como quer a maioria dos pesquisadores que enxergaram a questão) resolve nosso problema? Acreditamos que não.

Deve-se analisar com rigor o problema apresentado no presente escrito que, ao que tudo indica, aponta para um debate oculto até o presente momento no país. Podemos até mesmo desconfiar que o próprio Schopenhauer pareça não ter dado a devida atenção à dimensão do problema, que o mesmo abriu, ao escrever os *Aforismos* (e, juntamente com o compêndio de outros escritos, denomina-los de *escritos menores*). O próprio Schopenhauer, no primeiro parágrafo do livro IV de sua obra principal (*O Mundo*) afirma que toda filosofia é necessariamente teórica, portanto, como compreender, teoricamente, a significação dos *Aforismos*? Tratar-se-ia, talvez, de construir um eu para o si. Evoco novamente Ruy e Gustavo, afirmando acerca do que foi dito que:

14. Ibidem. P. 359.

15. Existe também uma segunda tese que nega que os *Aforismos* sejam uma ética. A tese de Wilham Damasceno defende que os *aforismos* são, na verdade, uma espécie de psicologia social. DAMASCENO, F. Wilham. *Ética e metafísica em Schopenhauer: a coexistência da vontade livre com a necessidade das ações*. Tese de Mestrado, Orientador Dr. Fernando Ribeiro de Moraes Barros. UFC, março de 2012 – Fortaleza.

Isto parece ir bem ao encontro de um texto póstumo, igualmente polêmico: *A arte de conhecer a si mesmo*. Com o título de *Eis heuatón*, de inspiração em Marco Aurélio, Schopenhauer inicia, em 1821, as anotações de suas meditações para uso pessoal, algo como um *Oráculo manual* (Gracián), em que se trata menos de um fatalismo estoico ou de um livro de erudição do que de uma tentativa de expressar a quintessência da maneira de entender o saber filosófico; textos preocupados com um outro uso da inteligência, uso em que o que está em jogo é a busca da¹⁶:

“autarquia, autoestima, amor-próprio, vida solitária, aristocracia da inteligência, vida saudável, misantropia”, etc.

Então, vê-se aqui a extrema necessidade da investigação do estatuto teórico dos *Aforismos*, tal como também a sua relação com as demais obras do filósofo. O pensamento de Schopenhauer é o reflexo conturbado das problematizações sociais e filosóficas de sua época, assim, poder-se-ia até mesmo avaliar tais *Aforismos* a partir de uma perspectiva *política* (e dissipar-se-ia o mito malgrado de que Schopenhauer não escrevera nenhum texto necessariamente político), nota-se isto na análise feita por Horkheimer e Lukács acerca da filosofia de Schopenhauer.¹⁷ Se a vida humana não pode corresponder a uma existência feliz, conforme dito explicitamente pelo autor (p.1), então: ou os *Aforismos* são uma obra sádica (como sugere Ruy de Carvalho);

16. Ibidem. P. 360.

17. Horkheimer eleva e atualiza politicamente o pensamento schopenhaueriano: “a doutrina de Schopenhauer põe ante a vista do que se trata: os interesses materiais, a luta pela existência, o bem-estar e o poder formam o motor; a história o resultado. Schopenhauer não racionalizou filosoficamente a experiência do horror e da injustiça que se dá até nos países que são governados do modo mais humano; teve medo da história; lhe repugnaram as mudanças políticas violentas que tentaram levar a cabo na época contemporânea com ajuda de uma exaltação nacionalista”. (Horkheimer, Max. *Voträge und Aufzeichnungen 1949-1973*. In: *Gesammelte Schriften*. Org. A. Schmidt. Frankfurt. Fischer Taschenbuch Verlag, 1985, vol. 7, p. 124-5. “Schopenhauer y la Sociedad”. In: T. W. Adorno e M. Horkheimer, *Sociologica*, Madrid: Taurus, 1971, p. 125). Lukács minimiza o alcance das intuições schopenhauerianas ao considerá-las meramente como expressões de ranço de classe: “Schopenhauer defende o existente de um modo tão decidido como o irracionalismo feudal ou semifeudal da restauração, mas com um método totalmente oposto, com o método da apologética burguesa indireta. Os ideólogos da restauração defendiam a ordem social concreta de seu tempo, a ordem feudal absolutista, ao passo que a filosofia de Schopenhauer representa a defesa ideológica de toda ordem social existente, capaz de manter em pé contra todos os perigos a propriedade privada burguesa” (Lukács, G. *Op. Cit.*, p. 173).

ou teoricamente absurda e paradoxal; ou ela deve ser compreendida em um outro registro que não o teórico-prático (que foi a abordagem de compreensão até o presente momento pelos especialistas).

Capítulo II: a problemática inerente à presente questão

A questão central do presente artigo, como já foi aludido, é investigar o estatuto teórico da obra *Aforismos para a sabedoria de vida* de Schopenhauer frente ao conjunto dos escritos schopenhaurianos que são aparentemente totalmente contrários à possibilidade de uma *felicidade* (ou vida menos infeliz) que é, em suma, aparentemente o objeto principal dos *Aforismos*, em justapartida, expor o debate descrito logo acima. Ao mesmo tempo, este conceito (felicidade), é irrefutavelmente negado noutros escritos de Schopenhauer, inclusive em inúmeros momentos de sua obra principal: *O Mundo como Vontade e como representação*. Observemos agora a possibilidade de investigarmos a fundamentação de uma *eudemonologiaschopenhauriana* frente à negação da vontade como única possibilidade de nossa resignação, pois, para Schopenhauer, o ascetismo, a negação da Vontade, a própria resignação seria a única saída para fugirmos ou livrarmo-nos do sofrimento consequente da Vontade. Em Schopenhauer a Vontade jamais é livre, a ‘verdadeira liberdade’ é livrar-se dela (a santidade ou ascetismo). Poder-se-ia dizer que a sabedoria de vida que nos é dada ou mostrada por Schopenhauer é o ensinamento de como ter um melhor desempenho no teatro da Vontade? Seria a proposta de Schopenhauer nos recomendar enfrentar de maneira positiva o inevitável, uma afirmação da vida frente o inevitável autoaniquilamento de nós mesmos que é o determinismo e o destino implacável? Isso deve ser investigado.

Analisar a ética e eudemonologia em Schopenhauer envolve algumas problemáticas. Inicialmente, devemos observar o peso teórico e o direcionamento de cada uma das obras (*Aforismos* e *O mundo*), pois é de fundamental importância compreender a indicação de cada obra por parte do autor. Sendo assim, é válido avaliarmos até que ponto as duas podem coexistir mutuamente e qual consideração deve-se atribuir a cada uma no que tange as contradições vigentes no pensamento

do filósofo quando se compara ambos os textos. Para Schopenhauer é mais sábio fazer o balanço de vida de uma pessoa não pelos prazeres que frui, mas pelos males que evitou. Sendo assim, a sabedoria de vida consiste em saber (assim como na ética estoica) como evitar a dor e o sofrimento o máximo possível. Isso seria o princípio da eudemonologia: “a instrução para uma existência feliz”. Mas, como compreender a instrução para uma vida feliz quando seria preferível a não-existência? Na divisão fundamental dos *Aforismos* podemos encontrar (além *Daquilo que alguém é* e *Daquilo que alguém representa*) a quinta parte: *Parêneses [exortações] e máximas*. Aqui, logo de início, Schopenhauer expõe as máximas gerais. O filósofo, no que concerne a questão dos prazeres e da dor afirma:

“[O prudente aspira não ao prazer, mas a ausência de dor] (...) A verdade dessa máxima reside no fato de que todo prazer e toda felicidade são de natureza negativa. A dor, ao contrário, é de natureza positiva. (...) Quando nosso corpo inteiro se encontra saudável e intacto, mas apresenta uma parte ferida ou dolorida, então a consciência deixa de perceber a saúde geral para dirigir sua atenção constantemente para a dor da parte ferida, e a sensação de bem-estar vital é anulada por completo. (...) quem quiser fazer o balanço da própria vida em termos eudemonológicos, deve fazer a conta não segundo os prazeres que fruiu, mas segundo os males que fugiu. (...) por “viver feliz”, deve-se entender “viver menos infeliz”, ou seja, de modo suportável.”¹⁵

Para Schopenhauer a vida humana oscila entre a dor e o tédio, uma em virtude das necessidades e o outro em virtude da aparente supressão das mesmas. Segundo nosso filósofo “O panorama mais amplo nos mostra a dor e o tédio como os dois inimigos da felicidade humana.”¹⁶ Schopenhauer leva o problema da dor e do tédio adiante, mas é nos *Aforismos* que ele afirma que “Se a um estado sem dor ainda couber a ausência de tédio, então a felicidade terrena foi em essência alcançada; o resto é quimera.”¹⁷

15. SHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a sabedoria de vida*. Editora Martins Fontes. São Paulo-SP, 2002. P. 140. Trad. Jair Barboza.

16. Ibidem. P. 24.

17. Ibidem. P. 142

Eis a gigantesca consideração dada por Schopenhauer a tal problema; aqui vemos de perto a síntese do problema abordado: a eudemonologia e a possibilidade da “felicidade”, tal como também a questão intrínseca à mesma na filosofia determinista de Schopenhauer, ou seja, o problema da liberdade, em suma, o estatuto teórico de *Aforismos para a sabedoria de vida*.

Assim, podemos analisar o que Schopenhauer compreende por “eudemonologia empírica”. Traçamos aqui o paralelo entre toda a construção filosófica de um pensamento determinista e pessimista frente à problemática da possibilidade de uma vida feliz ou menos infeliz, o direcionamento para viver quando o preferível é não viver, a que conclusão devemos chegar e como devemos agir frente a uma existência determinada, dolorosa e inevitavelmente fatalista. É importante observarmos a conceituação do que seria, segundo Schopenhauer, a eudemonologia empírica. Porém, nós mesmos nos perguntamos: seria ela o enfrentamento do inevitável frente à tragédia?

Se a vida é sofrimento, conduzi-la bem seria mesmo a vingança contra a existência?

Considerações finais¹⁸

Concluo o presente trabalho lançando meu olhar crítico sobre a questão e levantando uma hipótese no mínimo polêmica. Pudemos aqui observar o valoroso e ao mesmo tempo nebuloso debate que habita entre as entrelinhas do pensamento schopenhauriano no Brasil e, assim, temos acesso a dimensão do problema.

18. Queremos na presente conclusão apresentar nosso breve posicionamento acerca da questão proposta no presente trabalho, tal como também nossa entrada no debate brasileiro acerca da questão do estatuto teórico dos *Aforismos*, já que, a nosso ver, seria demasiado penoso e bastante problemático escrever um terceiro capítulo no presente texto para apresentar nossa proposta interpretativa acerca do problema apresentado aqui. Provavelmente, com a formulação de um terceiro capítulo, a leitura ficaria demasiado extensiva e exaustiva para o nosso leitor e, em vista de nossa proposta, a fundamentação de um terceiro capítulo que demonstrasse a base teórica de nossa interpretação, já seria por si só, tanto em conteúdo como em extensão, outro artigo que serviria como continuação e aprofundamento deste.

Através da compreensão da eudemonologia empírica, aparentemente chegamos ao denominador comum na presente pesquisa: as hipóteses que representam nosso posicionamento: quer dizer, para nós, talvez, seria o problema fundamental aqui levantado um problema metodológico, onde, *O mundo* seria uma obra de estrutura e escrita sintética, enquanto os *Aforismos* seria uma obra analítica, já que trata de uma “prática” de vida. Acreditamos que, metodologicamente falando, é um fato no mínimo inusitado a estilística dos *Aforismos*, a forma como foi escrita (o simples fato de serem aforismos e não a abordagem tradicional teórica presente no estilo de escrita de Schopenhauer). O próprio Schopenhauer inicia o livro IV de *O Mundo* afirmando no primeiro parágrafo que não há filosofia prática, toda filosofia é necessariamente teórica, assim, reconhecemos que nossa hipótese é tão sagaz quanto polêmica e dificultosa, contudo, relativamente aceitável quando se aponta para uma intencionalidade obscura da parte do autor: quer dizer, talvez aqui, até mesmo pelo estilo de escrita, exista nada mais nada menos que uma orientação relativa à *civitas*. Algo que como direcionado ao indivíduo no interior da comunidade, uma escrita que leva o estilo de alguns dos renascentistas italianos e de alguns filósofos helenistas; talvez, os *Aforismos* sejam em sua essência um breve tratado político transcrito em forma de *oráculo manual*. É até mesmo dificultoso efetuar uma análise moderna dos *Aforismos*, pois seu estilo de escrita não se propõe como moderno (justamente por serem “aforismos”, e isso aponta para a hipótese que acabamos de elaborar logo acima). Acreditamos poder dizer que os *Aforismos* são uma obra referente à *civitas*, quer dizer, referente meramente ao comportamento do indivíduo no interior da comunidade, na sociedade, na vida civil. De qualquer forma, o problema continua ainda não completamente resolvido e o debate ainda está aberto, já que o presente trabalho se propôs somente a apresentar o problema e o debate que o acompanha sugerindo possíveis hipóteses para a problemática análise dos *Aforismos* e seu estatuto teórico.

Referências

Obras de Schopenhauer

SCHOPENHAUER, Arthur. **Sämtliche Werke**. Editadas e comentadas por Wolfgang Frhr. von Lohneysen. Suhrkamp Taschenbuchwissenschaft, 2003. 5 vols. As referências a essa edição são indicadas pelas iniciais SW, seguidas pelo número do volume (em algarismo romano) e da página (em arábico).

_____. **Manuscript remains**. Edited by Arthur Hübscher, Translated by E. F. J. Payne, in Four Volumes. New York, Berg, 1989.

_____. **Metaphysik der Natur**. Philosophische Vorlesungen über die gesammte Philosophie aus dem handschriftlichen Nachlaß, Teil II. München-Zürich, Piper, 1984. (Edição de Volker Spierling) SCHOPENHAUER, Arthur.

_____. **O mundo como vontade e representação**. Trad. M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

_____. **O mundo como vontade e como representação**. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2005.

_____. **Cartas desde la obstinación**. Trad. Eduardo Charpenel Elorduy. México: Los Libros de Homero, 2008.

_____. **Crítica da filosofia kantiana**. Trad. Maria Lucia M. O. Cacciola. São Paulo: Nova Cultura Ltda, 1999.

_____. **Fragments para a história da filosofia**. Trad. Maria Lucia M. O. Cacciola. São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____. **Parerga y paralipomena**. Trad. Pilar López de Santa María. Madrid: Editorial Trotta, 2009.

_____. **Sobre a filosofia universitária**. Trad. Maria Lucia M. O. Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Sobre o fundamento da moral**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Sobre a visão e as cores.** São Paulo: Nova Alexandria, 2005.

_____. **Aforismos para a Sabedoria de Vida.** Editora Martins Fontes; 1ª ed, São Paulo, 2002.

_____. **Parerga e Paralipomena.** 5ª Ed. Editora Nova Cultural Ltda, São Paulo-SP. 1991.

_____. **Crítica da filosofia kantiana.** 5ª Ed. Editora Nova Cultural Ltda, São Paulo-SP. 1991.

Outras obras

BAILLOT, A. **Influence de la philosophie de Schopenhauer en France (1860-1900). Etude suivie d'un Essai sur les sources françaises de Schopenhauer.** Paris: Archives Karéline, 1927.

BARBERA, S. **Une philosophie du conflit. Études sur Schopenhauer.** Paris: PUF, 2004.

BARBOZA, J. **Infinitude subjetiva e estética – natureza e arte em Schelling e Schopenhauer.** São Paulo: Unesp, 2003.

_____. **Schopenhauer. A decifração do enigma do mundo.** São Paulo: Editora Moderna, 1997.

_____. **Metafísica do belo.** São Paulo: Unesp, 2003.

_____. Três prefácios e alguns retratos: Schopenhauer e suas Fisionomias. In.: **Arthur Schopenhauer no Brasil. Em memória dos 150 anos da morte de Schopenhauer.** D. Redyson (Org.), João Pessoa, Ideia, 2010. BEISER, F. C. O desenvolvimento intelectual

BRUM, José Thomaz. **O pessimismo e suas vontades: Schopenhauer e Nietzsche.** Rocco: Rio de Janeiro, 1998.

CHEVITARESE, Leandro. **A ética em Schopenhauer: que “liberdade nos resta” para a prática de vida.** PUC: Rio de Janeiro, 2005.

CHEVITARESE, Leandro. **A Eudemonologia empírica de Schopenhauer: a “liberdade nos resta” para a prática de vida.** Idea Editota: João Pessoa, 2010.

RODRIGUES Jr, Ruy de Carvalho. **Schopenhauer: uma filosofia do limite.** PUC, São Paulo: 2011.

RODRIGUES Jr, Ruy de Carvalho. COSTA, Gustavo B.. **Nietzsche-Schopenhauer, ecologia cinza, natureza agônica; Cai a cortina, misturam-se os papéis: desencontros e reencontros entre Schopenhauer e Nietzsche.** Organizadores: Ruy Carvalho, Gustavo Costa e Thiago Mota. Editora EDUECE, Fortaleza, 2013.

RAMOS, Flamarion C.. **A “MIRAGEM” DO ABSOLUTO Sobre a contraposição de Schopenhauer a Hegel: Crítica, Especulação e Filosofia da Religião.** São Paulo, 2008.

SALVIANO, Jarlee. **Desconfortável consolo: a ética niilista de Arthur Schopenhauer.** USP: São Paulo – SP